

ANÁLISE DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO E LUCRATIVIDADE DO TOMATE ORGÂNICO E CONVENCIONAL NAS PROXIMIDADES DE GOIÂNIA GOIÁS

ANALYSIS OF PRODUCTION COSTS AND PROFITABILITY OF ORGANIC AND CONVENTIONAL TOMATOES NEAR GOIÂNIA GOIÁS

FERNANDO NUNES DE ARAUJO¹; MAYARA DE SOUSA CARVALHO²; SÂNGELA
BARBOSA RIBEIRO DA SILVA³; KAROLINE DIAS OLIVEIRA⁴

RESUMO

O tomate é uma das hortaliças de propriedades nutricionais de muita relevância, sabor presente na culinária brasileira e indispensável para muitos. Devido à agricultura convencional e orgânica terem crescido simultaneamente, ambas obtiveram grande destaque ao longo do tempo. O crescimento da agricultura orgânica obteve intensidade perceptível, visto que muitos agricultores começaram a investir no ramo e que atualmente os números de propriedades certificadas continuam crescendo, o que resulta em benefícios sociais, ambientais e econômicos. A realização deste trabalho teve como propósito fazer o levantamento dos custos de produção do tomate e o cálculo da lucratividade de 4 produtores situados nas proximidades da cidade de Goiânia-GO. Foram analisados quatro produtores, 2 orgânicos e 2 convencionais. Concluiu-se que o cultivo orgânico apresenta custos inferiores e lucratividade superiores ao convencional, visto que os produtores de orgânico apresentaram ser 20,05% mais lucrativos que os produtores de convencional, reafirmando estudos anteriores em que o tomate orgânico teve melhores resultados.

Palavras-chave: Tomate, Convencional, Orgânico, Custos e Lucratividade.

ABSTRACT

The Tomato is one of the vegetables with nutritional properties of great relevance, flavor present in Brazilian cuisine and indispensable for many. Due to the fact that conventional and organic agriculture grew simultaneously, both achieved great prominence over time. The growth of organic agriculture has reached a noticeable intensity, as many farmers have started to invest in the sector and the number of certified properties continues to grow, which results in social, environmental and economic benefits. The purpose of this work was to survey the tomato production costs and calculate the profitability of 4 producers located near the city of Goiânia-GO. Four producers were analysed, 2 organic and 2 conventional. It was concluded that organic cultivation has lower costs and higher profitability than conventional, since organic producers were 20.05% more profitable than conventional producers, reaffirming previous studies in which organic tomatoes had better results.

Keywords: *Tomato, conventional, organic, costs and profitability.*

¹ Graduando do Curso de Ciências Contábeis da FacUnicamps: E-mail: fernandonunes123s1@gmail.com

² Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da FacUnicamps: E-mail: mayarasousa.ccb@gmail.com

³ Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da FacUnicamps: E-mail: sangelabarbosa88@gmail.com

⁴ Mestre em Administração pela UFG. Professora da FacUnicamps. E-mail: kaliumdias@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A produção de alimentos está ligada a muitos sistemas produtivos, entre eles, existem dois que serão abordados neste trabalho, sendo o convencional e o orgânico. Estes dispõem de seus próprios mercados e diante destes sistemas produtivos o Brasil vem se sobressaindo na economia mundial em relação aos alimentos, pois têm muito espaço e condições de se produzir tais alimentos. Dentro deste universo, depara-se com a produção de tomate, que segundo a Conab (2019), em 2017 “o Brasil produziu 4.167.629 toneladas em uma área de 63.980 hectares, alcançando uma produtividade média de 65,14 toneladas por hectare”, sendo o estado de Goiás o primeiro colocado na produção do tomate no país, que no mesmo ano produziu 1.298.088 toneladas de tomate em uma área de 16.307 hectares, atingindo uma produtividade de 79,60 toneladas por hectare.

O tomate, embora seja identificado como um fruto, é estudado junto ao grupo das hortaliças. Tendo em vista que, ele faz parte da alimentação do brasileiro, quanto as demais hortaliças, como alface, cebola, agrião entre outras, de todas elas, o tomate é a mais consumida logo depois da alface, as quais integram as refeições diárias da população (CONAB, 2019). De acordo com a Embrapa (2018), o tomateiro tem origem andina, possuindo uma grande variedade de gêneros, como o tomate cereja, o italiano, conhecido como saladete, a salada (longa vida ou tomatão) e o santa cruz.

Segundo Silva et al., (2019), estudos demostram que a cultura do tomate é reconhecida pelos agricultores em razão da sua capacidade de retorno econômico durante seu ciclo produtivo. Para a permanência de qualquer atividade econômica no mercado, ela deve ser rentável e lucrativa, para pagar todos os gastos (BIASIO et al., 2015). Produzido por diversos países, o tomate é um acompanhamento indispensável na mesa dos brasileiros, pois ele é o ingrediente da salada, molhos e demais pratos. Com o tomate tão presente na cultura brasileira, este trabalho possui como objetivo responder a seguinte pergunta: Qual a diferença da lucratividade do tomate orgânico e tomate convencional para os produtores nas proximidades da cidade de Goiânia em Goiás?

Para solucionar esta questão, o objetivo geral deste trabalho é demonstrar a diferença da lucratividade do tomate orgânico e tomate convencional dos produtores próximos à cidade de Goiânia. Os objetivos específicos são: a) apresentar as diferenças da agricultura orgânica e convencional; b) demonstrar a partir de material teórico os conceitos de custos de produção e

lucratividade; c) coletar, evidenciar e analisar os custos entre os dois tipos de produção, diferenciando a agricultura orgânica da convencional.

Portanto este trabalho se justifica por demonstrar a importância de ambos os sistemas produtivos, o crescimento expressivo do mercado de orgânicos nos últimos anos, haja vista, o aumento pelo consumo de alimentos mais saudáveis e uma preocupação maior com o meio ambiente. Sendo assim, este trabalho tem como propósito evidenciar as diferenças dos dois cultivos e demonstrar as suas lucratividades.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Agricultura Orgânica

A história dos produtos orgânicos no Brasil iniciou-se a partir da década de 1990, onde o mercado foi proliferando na época, do mesmo modo, não existiam legislações vigentes brasileiras sobre agricultura orgânica. Somente em outros países ocorreu a normatização no mesmo intervalo de tempo, como por exemplo, a *International Federation of Organic Agriculture Movements* (IFOAM), que determinou os primeiros princípios, normas e padrões, onde preservavam os aspectos ambientais da produção e definiam os insumos concedidos e reprimidos (VILELA et al., 2019).

As leis do mercado interno vieram com a lei federal, sobre a produção e comercialização dos orgânicos, Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003, e com a sua regulamentação pelo Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007. A regulamentação impulsionou o setor no Brasil, onde expandiu o mercado e a busca por produtos orgânicos. A Lei nº 10.831 de 2003, destaca que,

Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de

produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente.

Portanto, Vilela et al., (2019) destacam que um dos aspectos primordiais da importância da agricultura orgânica é a sua aptidão em preservar e proporcionar serviços ecossistêmicos, como por exemplo: controle biológico, preservação do solo, polinização e o cuidado com os animais silvestres, onde há uma taxa elevada de mortalidade, que é causada por meio do uso de agrotóxicos em plantações convencionais. Deste modo, a agricultura orgânica fornece mantimentos, fibras e energia através de métodos que preserve e favoreça a biodiversidade ambiental, e assim, a saúde humana também é conservada, por utilizar precisamente métodos biológicos de controle de pragas e doenças, oferecendo menor risco de poluição e degradação ambiental, e suscetivelmente a preservação da saúde humana.

O mercado de produtos orgânicos no Brasil, vem se fortalecendo nos últimos anos, com mais de 20.000 propriedades certificadas. Ou seja, não se tem dúvida que a tendência deste mercado é só aumentar. Pois, de acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, “a cada ano cresce, na faixa de 10 a 15 por cento, o número de produtores rurais registrados no ministério que trabalham com alimentos orgânicos, provando que há espaço para todos no mercado” (MAPA, 2019).

Para adentrar ao mercado de orgânicos, o produtor deve se regularizar no Mapa. A certificação pode ser feita com a contratação de uma Certificadora de Auditoria ou entrando em contato com um Sistema Participativo de Garantia (SPG), que terá que ter uma certificação do Organismo Participativo de Avaliação da Qualidade Orgânica (OPAC). Se o produtor optar pela contratação da Certificadora por Auditoria, ele receberá visitas de inspeção inicial e contínua e terá obrigação junto ao ministério e a certificadora, com custo a ser determinado em contrato. Se o produtor violar as normas, a certificadora retira o seu certificado e comunica o órgão. No caso do certificado direto pela OPAC, o produtor tem que atuar efetivamente no grupo ou núcleo a que permanecer ativo, indo a reuniões contínuas, e o grupo deve assegurar a qualidade orgânica do produto, visto que, todos tomam conta de todos e assumem juntos se tiver fraude ou erro que não corrigirem. O produtor não corrigindo-se, será excluído pelo grupo e terá seu certificado cancelado junto ao ministério (MAPA, 2020).

Segundo o Mapa (2020), o produtor que tem a certificação, além de poder vender em feiras, ele poderá fazer a comercialização para supermercados, lojas, restaurantes, hotéis, indústrias etc., este produto deve estar estampado com o selo federal do SisOrg em seus rótulos,

tanto para produtos nacionais ou estrangeiros. Agora se o produtor só deseja vender em feiras ou para instituições, eles podem formar uma Associação de Controle Social (OCS) ou se associar a uma já existente.

Pode-se dizer então que, um dos fatores que impulsionam o crescimento do mercado orgânico é a dinâmica de mudanças em relação à alimentação, e tudo que refere a ela, pois esta é o centro da condição humana. Seguindo este raciocínio, os consumidores têm a predisposição de melhorar suas práticas alimentares, buscando por produtos menos industrializados, sem conservantes e mais saudáveis (LIU,2017).

2.2 Agricultura Convencional

A agricultura convencional é representada como o agrupamento de métodos produtivos que surgiram em meados do século XIX, reputada como a 2ª revolução agrícola, que teve como auxílio o impulso dos fertilizantes químicos, criados pelo químico Liebig. Estes métodos alastraram-se depois das grandes guerras, com o uso de sementes manipuladas geneticamente para o aumento da produção, correlacionado ao ajuntamento de agroquímicos (agrotóxicos e fertilizantes) e da maquinaria agrícola (ALENCAR et al., 2013).

Com a “Revolução Verde”, sucedida na agricultura após o final da Segunda Guerra Mundial, portou como primordial atributo o uso em larga escala de insumos químicos no propósito de crescer a produtividade agrícola. Apesar de que, essa modificação de padrão na agricultura tenha surgido em países desenvolvidos, houve benefício em difundi-la mundialmente, com a declaração de que iria finalizar a situação da fome. Toda uma junção avançada de sementes melhoradas, fertilizantes químicos e agrotóxicos, foram vendidos para os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. Passados 50 anos, foram percebidos problemas como: pragas rípidas a agrotóxicos; degradação do solo, dos alimentos e da água; destruição dos seres da natureza; deterioração, junção e concentração do solo; e a saída das pessoas da zona rural para a zona urbana, devido à mecanização da produção (ROSSET, 1995; WATANABE, 2000; apud ALENCAR et al., 2013).

A agricultura nacional brasileira não ficou livre das mudanças. Aplicações dos setores privados e públicos em tecnologia, possibilitaram a expansão da exploração dos ainda abundantes recursos naturais. Foram cedidas imensas áreas para produção agrícola e industrial.

Investiu-se igualmente na capacitação e na formação maciça de pessoal técnico e em pesquisa de ponta para solucionar os gargalos da produção agrícola nos trópicos (REIFSCHNEIDER et al., 2010).

O século XX, no Brasil, foi sem hesitação, marcado por uma significativa revolução tecnológica, o que ocasionou grande contagem de pessoas a terem o acesso às inovações técnicas sofisticadas e a custos descontados, a popularização da nova tecnologia. Entre 1900 e 1999, a sociedade brasileira participou e beneficiou-se da surpresa tecnológica nas cidades e nos campos. Meios de transporte, rádios, telefones, celulares, eletrodomésticos, remédios, pesticidas, pivôs-centrais, colheitadeiras e computadores, entre outras invenções, passaram a ser elementos comuns no cotidiano das pessoas (REIFSCHNEIDER et al., 2010).

Segundo Artuzo et al., 2018 (apud SILVA et al, 2018), como resultado, as novas tecnologias trouxeram um adicional nos custos de produção no decorrer dos anos, demandando assim, uma administração rural competente e efetiva, sendo que, no geral os produtores rurais tomam decisões próprias. Por esta razão, o controle nos custos e o aumento na produtividade são as causas que determinam a lucratividade da empresa rural.

De acordo com o Centro Avançado de Economia Aplicada (CEPEA, 2020), o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, orçado pelo Cepea, juntamente com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), cresceu repetidamente no mês de julho em 1,26%. Desse modo, o setor atingiu sete meses contínuos de alta em 2020, com crescimento de 6,75% no período.

Essa revolução foi precedida e impulsionada pela revolução industrial e química do século XIX, que também motivou mudanças nas áreas sociais, ainda que essas tenham sido demoradas e menos abrangentes, quanto ao universo de beneficiários. No ápice da pirâmide dessas mudanças, ao final do século passado, estão certamente as tecnologias das informações e a nova era da internet (REIFSCHNEIDER et al., 2010).

Com todos os avanços nas variadas ciências básicas e aplicadas nos últimos 150 anos, obteve-se um melhor conhecimento dos solos, das plantas e do meio ambiente e, por consequência, saltos radicais no desenvolvimento da agricultura, onde houve uma melhor compreensão dos adubos químicos, melhoramento animal e vegetal, que cria novas cultivares e raças aos agrotóxicos que, sendo usados racionalmente, podem ser armas eficientes no combate aos seus inimigos reais como pragas e doenças, vencendo um de seus pontos negativos (REIFSCHNEIDER et al., 2010).

2.3 Conceituação e Classificação dos Custos

Custo é uma importante ferramenta na contabilidade no âmbito gerencial e tomadas de decisões, controles de gastos e planejamentos de curto e longo prazo. Tendo o controle dos custos do período, é a análise da redução de gastos e suscetivelmente, o aumento da lucratividade, que é o foco de todo empresário. O custo é classificado como o gasto que a organização terá para entregar o produto ou serviço ao consumidor (ALVES; AZEVEDO; BONHO; ROSÁRIO; ANTONI; VALGAS, 2018).

Segundo Wernkey (2017), custos podem ser identificados como os gastos, que transcorrem durante o processo produtivo, sendo assim, os insumos utilizados no início, durante e no final do processo produtivo ao produto acabado e disponível para venda.

2.3.1 Custo Direto

São os custos apropriados ao produto, no caso do tomate, produto agrícola, os custos utilizados na sua plantação tem como exemplos: adubação, compostagem, sementes, mão de obra direta, etc.; são alocados aos custos diretos do produto pronto para o consumo. Custos diretos são os gastos que interferem no valor final do produto acabado (ALVES; AZEVEDO; BONHO; ROSÁRIO; ANTONI; VALGAS, 2018).

2.3.2 Custo Indireto

De acordo com Garrison et al., (2013), os custos indiretos não estão ligados diretamente ao produto final, mas é importante para toda a cadeia produtiva funcionar, estão englobados nesta classificação os gastos como: energia elétrica, mão de obra indireta, manutenção, reparos, materiais indiretos, impostos sobre a propriedade, depreciação e seguro etc.

2.3.3 Custos Fixos

São aqueles que permanecem constantes, independente do volume de produção do período. Sendo assim, não são afetados por mudanças no nível de atividade dentro do intervalo relevante. Salientando que, os custos fixos podem sofrer alteração de um período para o outro, como o aumento no consumo de material de limpeza ou diminuição do seu consumo, na medida que o nível de atividade aumenta ou diminui, mesmo assim, não deixam de serem fixos (RIBEIRO, 2018).

2.3.4 Custos Variáveis

Segundo Ribeiro et al., (2018) e Garrison, Noreen e Brewer (2013), os custos variáveis aumentam e diminuem proporcionalmente conforme o aumento do volume de atividades do período que está sendo analisado, ou seja, o volume de produção, e quando estão ligados aos volumes produzidos também podem ser considerados custos diretos. Exemplos de custos variáveis: custos dos produtos vendidos, material direto, mão de obra direta, despesas administrativas e custos com entregas.

2.4 Lucratividade

A Lucratividade é um dos principais indicadores econômicos da empresa, responsável por medir a competitividade do negócio, com a média para empresas de pequeno e médio porte de 5% a 10% de lucratividade (SEBRAE).

Conforme Susin et al., (2013 apud SILVA et al., 2008), a lucratividade é um indicador que apresenta a relação entre o retorno das vendas. Compara o lucro líquido com relação as vendas líquidas do período analisado, assim, o percentual de lucro diante do faturamento. Susin et al., (2013 apud SILVA et., 2008) ainda ressaltam que se deve trabalhar com a receita líquida, sendo esta, a receita real do período, pois, a receita bruta engloba receitas que foram anuladas ou devoluções e abatimentos que ocorreram, resultando em um índice erroneamente de lucratividade.

Fórmula de lucratividade:

$$\frac{\text{LUCRO LIQUIDO}}{\text{RECEITA TOTAL}} \times 100$$

2.5 Estudos Anteriores

O tema discutido neste artigo, sobre análise dos custos de produção e da lucratividade do tomate orgânico e convencional, é um tema pouco abordado se tratando do tomate, pois se tem maior quantidade, falando de uma variedades de frutas, hortaliças etc., sendo mais recorrente o índice de rentabilidade do tomate. Neste tópico serão abordados os resultados obtidos em três estudos sobre a produção do tomate e os resultados encontrados.

Lima e Campos (2014) estimaram as receitas e custos operacionais da produção de tomate e analisaram a rentabilidade na região do estado do Ceará. Seis produtores analisados de tomate orgânico e cinco de tomate convencional foram analisados, sendo que o tomate convencional apresentou uma viabilidade financeira de 88%.

Magno et al., (2007) realizaram uma pesquisa na cidade de Araraquara/SP e Uberlândia/MG, comparando os sistemas de produção de tomate convencional e orgânico em cultivo protegido e encontraram que o sistema orgânico se apresentou agronomicamente viável. Com uma lucratividade de até 113% maior que o tomate convencional.

Santos et al., (2019) realizaram o trabalho na Região da Transamazônica e chegaram nos seguintes resultados, demonstraram que o sistema de produção de tomate apresenta boas perspectivas de obter rentabilidade positiva, ainda que ocorra uma redução nos preços pagos ao produtor, pois, a margem de lucro apresentada é bastante elevada, caracterizando uma rentabilidade positiva de 25,2%.

Quadro 1: Estudos anteriores sobre produção de tomate.

Autores	Resultados
Lima e Campos (2014)	O cultivo do tomate orgânico apresentou a viabilidade financeira de 63% de lucro, enquanto o tomate tradicional obteve lucro de 88%.
Magno et al., (2007)	Concluíram com as análises que o sistema orgânico se apresentou agronomicamente viável, com um custo de produção 17% mais baixo que o convencional e lucratividade até 113% maior.
Santos et al., (2019)	O autor deste trabalho conclui que o sistema de tomate convencional apresenta uma rentabilidade positiva de 25,2%.

Fonte: elaborado pelos autores.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa realizada se caracteriza como uma análise descritiva, com coleta de dados primários. Quatro propriedades agrícolas produtoras de tomate foram analisadas. Foram coletados os dados quantitativos referentes ao primeiro semestre de 2020, a partir de entrevistas semi estruturadas entre os meses de agosto e novembro, sendo que o controle dos produtores não é feito de acordo com uma gestão contábil, e sim com anotações pessoais.

As etapas desse projeto se iniciaram com um estudo bibliográfico sobre o assunto, aprofundando o assunto referente ao produto orgânico e convencional. Após análise bibliográfica e construção do referencial teórico, foi desenvolvida a estrutura de coleta de dados. Os dados foram coletados e posteriormente analisados baseados na literatura disponível e utilizada durante o trabalho.

Por intermédio de um jornal da cidade de Anápolis-GO, foi coletado o primeiro contato de uma produtora de tomate orgânico. O jornal disponibilizou o telefone e o endereço de *e-mail* da produtora e em seguida enviado um *e-mail* à mesma. A resposta ocorreu no mesmo dia e a produtora informou que no momento ela não estava plantando tomate, mas outras verduras no segmento convencional e informou outro contato.

Foi possível marcar uma reunião com o segundo produtor indicado no mercado da rua 74, localizado no Setor Central, em Goiânia, uma feira tradicional de orgânicos que ocorre todos os sábados, nesta visita foi possível conversar com outros produtores de diversas variedades de tomate e pegar outros contatos. O segundo produtor indicado informou que não seria possível fornecer informações para a pesquisa por motivos pessoais. Então, foi necessário adotar outra estratégia para encontrar mais produtores. Foi adotada a busca *online* em *sites*, redes sociais e anúncios de estabelecimentos que vendem orgânicos em Goiânia, como fazendas que fornecem cestas de orgânicos à pronta entrega, na casa do consumidor. Destes contatos realizados, muitas mensagens e *e-mails* enviados não obtiveram retorno. Mesmo os produtores que responderam, tiveram receio em fornecer os dados necessários para a análise dos seus cultivos de tomate orgânico. Outros alegaram a falta de controle dos gastos da produção, o tempo e a disposição para a entrevista, tanto presencial ou por meios de comunicação eletrônica. Um dos fatores de grande peso que dificultou a coleta de dados foi a falta de produção, por consequência da

pandemia. Foram abordados cinco produtores de tomate convencional e dez produtores de tomate orgânico, sendo que, apenas quatro retornaram de maneira positiva, dois orgânicos e dois convencionais.

A primeira produtora de orgânico, foi uma produtora de tomate Saladete localizada na cidade de Hidrolândia- GO, com área plantada de trezentos e quinze metros quadrados e o período de plantio até colheita transcorre em seis meses. Ela esteve à disposição para o fornecimento dos dados através de mensagem de texto. A segunda produtora de tomate orgânico do tipo Saladete, foi da cidade de Gameleira de Goiás, com uma área plantada de trezentos e vinte metros quadrados, esta tem um período de plantio à colheita de aproximadamente três meses.

Através de indicações foi obtido o contato de dois produtores que comercializam tomate convencional no Ceasa. O primeiro produtor de tomate tipo Longa Vida, localizado na região de Leopoldo de Bulhões, com área plantada de dez mil metros quadrados, em contato por telefone ele foi muito solícito, foram realizadas três ligações e três mensagens por SMS, assim, obteve-se os dados apropriados. Localizado na cidade de Nova Veneza, cultivando o tomate Saladete, com área plantada de dez mil metros quadrados, foi realizada uma entrevista presencial e mensagens por aplicativos para obter as informações pertinentes para análise.

A região estudada contemplou as cidades localizadas nas proximidades de Goiânia, sendo dois produtores de tomate orgânico e dois de tomate convencional, como apresenta o Quadro 2.

Quadro 2: Produtores por cidade, área plantada e produtividade.

Produtores	Cidade	Área plantada	Produção/Caixa	Produtor
A	Nova Veneza	10.000 m ²	1.500	Convencional
B	Leopoldo de Bulhões	10.000 m ²	5.000	Convencional
C	Hidrolândia	315 m ²	200	Orgânico
D	Gameleira de Goiás	120 m ²	48	Orgânico

Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados obtidos foram examinados por meio de planilhas eletrônicas elaboradas pelos autores, onde foram considerados os custos totais do tomate, separando entre diretos variáveis, diretos fixos, indiretos variáveis e indiretos fixos. Esta análise constatou a receita bruta, deduzindo os custos e resultando no lucro líquido. Respondendo a problemática desta pesquisa, que é diferenciar a lucratividade dos produtores de tomate orgânico e convencional.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 Análise dos Custos

Os custos totais foram compostos pelos custos diretos variáveis, diretos fixos, indiretos variáveis e indiretos fixos. Os custos se dividem de acordo com o Quadro 3.

Quadro 3: Custo dos produtores.

Produtores	A	B	C	D
Diretos variáveis	R\$ 11.420,00	R\$ 95.929,68	R\$ 728,00	R\$ 717,29
Diretos fixos	R\$ 360,00	R\$ 7.120,00	R\$ 9.600,00	*****
Indiretos variáveis	R\$ 4.200,00	R\$ 1.900,00	R\$ 2.770,00	R\$ 384,00
Indiretos Fixos	*****	*****	R\$ 1.200,00	*****
Custo total	R\$ 15.980,00	R\$ 104.949,68	R\$ 13.098,00	R\$ 1.101,29

Fonte: elaborado pelos autores.

Com a análise dos dados, percebeu-se que os produtores de tomate orgânico e convencional tem insumos em comum e diferentes entre si, como:

Produtor A: Os insumos que compõem os custos diretos variáveis são: sementes, adubo, esterco, trator, pesticidas, mão de obra; direto fixo: pedra ceasa; indiretos variáveis: energia e combustível.

Quadro 4: Custos totais do produtor A.

ETAPA (SERVIÇO+ MATERIAL)					
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total	Participação %
Custos diretos variáveis				R\$ 11.420,00	71,46
Sementes	5.000	Unidade	0,5	R\$ 2.500,00	15,64
Adubo	15	Unidade	90	R\$ 1.350,00	8,44
Esterco	1	T	200	R\$ 200,00	1,25
Trator	3	H/m	40	R\$ 120,00	0,75
Pesticidas			0	R\$ 2.000,00	12,51
Mão de obra	75	Diárias	70	R\$ 5.250,00	32,85
Custo direto fixo				R\$ 360,00	2,25
Pedra Ceasa	20	Unidade	18	R\$ 360,00	2,25
Custos indiretos variáveis				R\$ 4.200,00	26,28
Energia	3	Meses	66,66	R\$ 200,00	1,25
Gasolina				R\$ 4.000,00	25,03

Custo Total	R\$ 15.980,00	100
--------------------	----------------------	------------

Fonte: elaborada pelos autores.

Produtor B: Os insumos que compõem os custos diretos variáveis são: sementes, estufa, trator grande, trator sulcagem, adubo, pesticidas, gasolina motor, mão de obra colheita; diretos fixos: mão de obra fixa, pedra ceasa; indireto variável: gasolina para entrega.

Quadro 5: Custos totais do produtor B.

ETAPA (SERVIÇO+ MATERIAL)					
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total	Participação %
Custos diretos variáveis				R\$ 95.929,68	91,40
Sementes	10.000	Unidade	0,45	R\$ 4.500,00	4,28
Estufa	10.000	Unidade	0,1	R\$ 1.000,00	0,95
Trator grande	10	H/m	150	R\$ 1.500,00	1,42
Trator sulcagem	4	H/m	120	R\$ 480,00	0,45
Adubo/Pesticidas	10.000	Unidade	8	R\$ 80.000,00	76,22
Combustível	16	Semanas	49,98	R\$ 799,68	0,76
Mão de obra-colheita	90	Dias	85	R\$ 7.650,00	7,28
Custos diretos fixos				R\$ 7.120,00	6,78
Mão de obra fixa	4	Meses	1420	R\$ 5.680,00	5,41
Pedra Ceasa	80	Unidade	18	R\$ 1.440,00	1,37
Custo indireto variável				R\$ 1.900,00	1,81
Gasolina para entrega	19	Dias	100	R\$ 1.900,00	1,81
Custo Total				R\$ 104.949,68	100

Fonte: elaborada pelos autores.

Produtor C: Os insumos que compõem os custos diretos variáveis são: sementes, fertilizantes orgânicos, sacos; direto fixo: mão de obra fixa; indiretos fixos: certificação, feira, taxa da associação; indiretos variáveis: energia e combustível.

Quadro 6: Custos totais do produtor C.

ETAPA (SERVIÇO+ MATERIAL)					
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total	Participação %
Custos diretos variáveis				R\$ 728,00	5,55
Sementes	1000	Unidade	0,6	R\$ 600,00	4,58
Sacos 25x30	3000	Unidade	0,016	R\$ 48,00	0,36
Fertilizante orgânico					0,61
Bokaschi	500	Kg	0,16	R\$ 80,00	
Custo direto fixo				R\$ 9.600,00	73,29
Mão de obra	6	Meses	1600	R\$ 9.600,00	73,29
Custos indiretos fixos				R\$ 970,00	7,40
Certificação	6	Meses	83,33	R\$ 500,00	3,81

Feira	4	Meses	100	R\$ 400,00	3,05
Taxa da associação	6	Meses	11,66	R\$ 70,00	0,53
Custos indiretos variáveis				R\$ 1.800,00	13,74
Energia	6	Meses	200	R\$ 1.200,00	9,16
Gasolina	6	Meses	100	R\$ 600,00	4,58
Custo Total				R\$ 13.098,00	100

Fonte: elaborada pelos autores.

Produtor D: Os insumos que compõem os custos diretos variáveis são: mudas, fertilizantes orgânicos, tratorito, mão de obra, capina, adubo, sacos; indiretos variáveis: energia e combustível.

Quadro 7: Custos totais do produtor D.

ETAPA (SERVIÇO+ MATERIAL)					
Descrição	Quantidade	Unidade	Valor unitário	Valor total	Participação %
Custos diretos variáveis				R\$ 717,29	65,13
Mudas	200	Unidade	2,4	R\$ 480,00	43,58
Tratorito	10	Min	0,0725	R\$ 0,73	0,06
Mão de obra	2	H/m	4,35	R\$ 8,70	0,78
Capina	2	H/m	4,35	R\$ 8,70	0,78
Adubação Plantio	1,5	Ciclo	49,85	R\$ 74,78	6,78
Transplântio	1	H/m	4,35	R\$ 4,35	0,39
Colheita	1	H/m	4,35	R\$ 4,35	0,39
Mão de obra(ensacar)	2	H/m	R\$ 4,35	R\$ 8,70	0,78
Sacos	8	Unidade	R\$ 13,00	R\$ 104,00	9,44
Fertilizantes orgânicos				R\$ 22,99	2,08
Calda bordalesa	1	L	1,85	R\$ 1,85	
Amasegado de pimenta	200	MI	0,00585	R\$ 1,17	
Dipel	120	MI	0,09	R\$ 10,80	
Amasegado de timbo	1	L	3,125	R\$ 3,13	
Pulverização BIO	4	L	1,51	R\$ 6,04	
Custos indiretos variáveis				R\$ 384,00	34,68
Energia	154	Dias	R\$ 2,00	R\$ 308,00	27,96
Combustível	20	L	R\$ 3,80	R\$ 76,00	6,90
Custo Total				R\$ 1.101,29	100

Fonte: elaborada pelos autores.

Os dados dos produtores B e C indicam a necessidade de uma melhor gestão para a redução dos custos, haja visto que, os custos com pesticidas e mão de obra representam mais de 50% dos custos totais de produção, elevando os custos e diminuindo os lucros. Com os

quadros acima evidenciou-se que os custos semelhantes entre os produtores são: sementes e mão de obra.

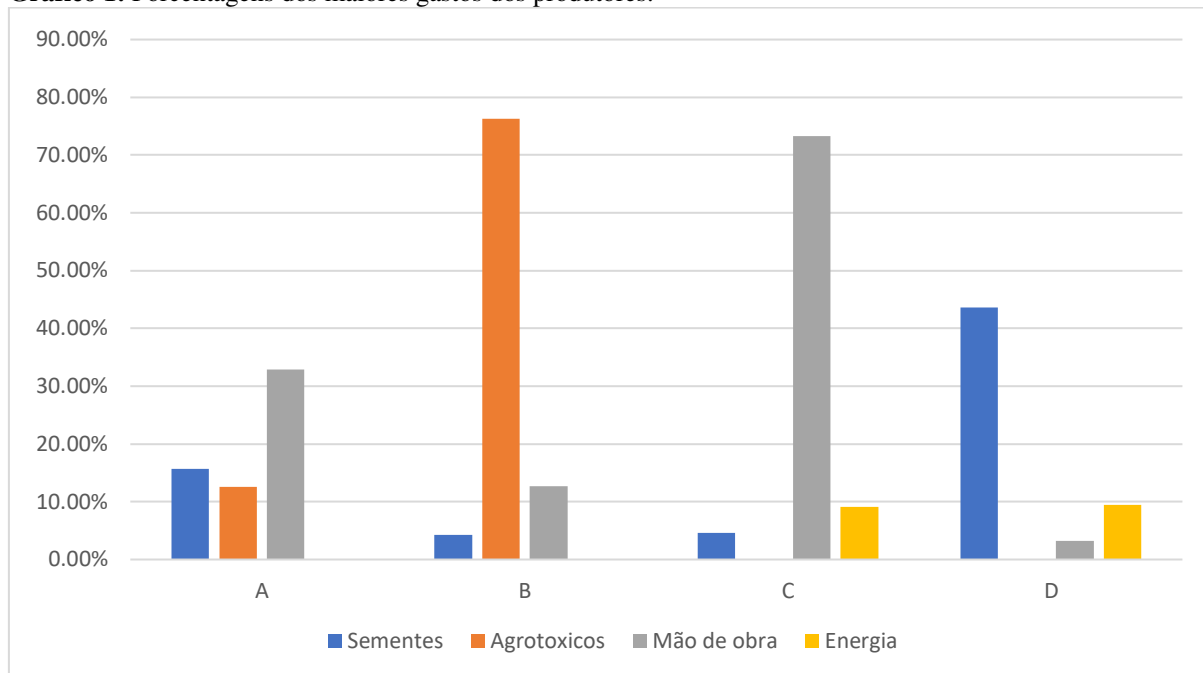
Fica perceptível que A e D utilizam mão de obra variável, enquanto B e C utilizam mão de obra fixa, isso porque o produtor A tem gasto com mão de obra somente na colheita, já que, durante todo o período de plantação, adubação e entrega, todo o processo é gerido por pai e filho. O produtor D tem mão de obra fixa e variável, pois o mesmo planta mais culturas além do tomate, totalizando três hectares, sendo um hectare para o tomate, portanto, a mão de obra fixa foi rateada, levando em conta os hectares, considera-se que 1/3 da mão de obra fixa agrega no custo do tomate e a mão de obra variável auxilia na colheita.

O produtor B tem gasto com mão de obra fixa, pois o mesmo tem um funcionário que o auxilia em todo o processo, desde o preparo da terra até a colheita, enquanto o produtor C possui mão de obra variável, considerando que a mão de obra é rateada por serviço prestado e horas trabalhadas, com base no salário mínimo de R\$ 1.045,00 (um mil e quarenta e cinco reais).

Verificou-se também que o produtor A dispõe de gasto com um motor movido a energia elétrica para irrigar a plantação, ao mesmo tempo que o produtor B gasta com combustível para o funcionamento do gerador, realizando a mesma função de irrigar a plantação. Ambos não tem custo com água, pois pegam água do riacho que tem na propriedade. O produtor B contrata por um mês o sistema protegido (estufa), para plantar as sementes e gerar as mudas, com a finalidade de fazer o transplante para o solo, sendo que, o produtor A não realiza este processo, pois já prepara o solo e planta a semente.

Notou-se que o produtor C tem gastos com: taxa de associação, certificação e feira. Enquanto o produtor D não dispõe destes custos devido à falta de controle, com a pandemia o produtor D deixou de trabalhar na feira e passou a realizar entregas a domicílio, porém não controlam os gastos das entregas.

No Gráfico 1 são evidenciadas as proporções dos maiores custos dos produtores, podendo entender que o produtor A e o produtor B não possuem a coluna de energia, pois, para o produtor A o custo da energia não é relevante em vista do custo total, e o produtor B não utiliza energia elétrica. Não é apresentada a coluna de agrotóxicos para os produtores C e D, por serem produtores de orgânicos.

Gráfico 1: Porcentagens dos maiores gastos dos produtores.

Fonte: elaborado pelos autores.

4.1.2 Análise de Lucratividade

A Lucratividade é uma importante ferramenta para medir a rentabilidade nas atividades econômicas, pois é um índice que demonstra a proporção do lucro líquido sobre a receita bruta, após o pagamento de todos os custos de produção.

Os produtores de tomate convencional vendem por caixa, sendo que uma caixa pesa aproximadamente 25 kg, o valor é definido no dia pelo Ceasa, enquanto o produtor de orgânicos vende por quilo, sendo este valor definido pelo próprio produtor. As perdas dos produtores são respectivamente: produtor A 14%, produtor B 20%, produtor C 20% e produtor D 5%. A perda do produtor C é revertida em ganho, pois o tomate é vendido para a fabricação de extratos e molhos pelo valor de R\$ 5,00 (cinco reais) o quilo. Seguem os demonstrativos nos Quadros 9 e 10.

Quadro 9: Total colhido, perda e quantidade vendida.

Produtores	Total colhido	Perda	Quantidade vendida
A	1500 caixas	14%	1290 caixas
B	5000 caixas	20%	4000 caixas
C	5000 quilos	20%	4000 quilos
D	1200 quilos	5%	1140 quilos

Fonte: elaborado pelos autores.

Quadro 10: Preço de venda.

Produtores	A	B	C	D
Preço de venda	R\$ 50,00	R\$ 50,00	R\$ 10,00	R\$ 12,00

Fonte: elaborado pelos autores.

Para o cálculo da lucratividade houve a mensuração da quantidade colhida, menos as perdas. Multiplicando pelo preço de venda de cada produtor, resultando na receita total, na qual foram subtraídos os custos de produção, apurando assim, o lucro líquido. O quadro abaixo demonstra a receita, menos o custo total resultando no lucro líquido.

Quadro 11: Lucro Líquido.

Produtores	A	B	C	D
Receita	R\$ 64.500,00	R\$ 200.000,00	R\$ 45.000,00	R\$ 13.680,00
Custo total	(R\$ 15.980,00)	(R\$ 104.949,68)	(R\$ 13.098,00)	(R\$ 1.101,29)
Lucro Líquido	R\$ 48.520,00	R\$ 95.050,32	R\$ 31.902,00	R\$ 12.578,71

Fonte: elaborado pelos autores.

Com os dados acima, foi aplicada a fórmula da lucratividade: lucro líquido/receita total x 100, resultando nos índices de cada agricultor. Segue o resultado no Quadro 12 abaixo.

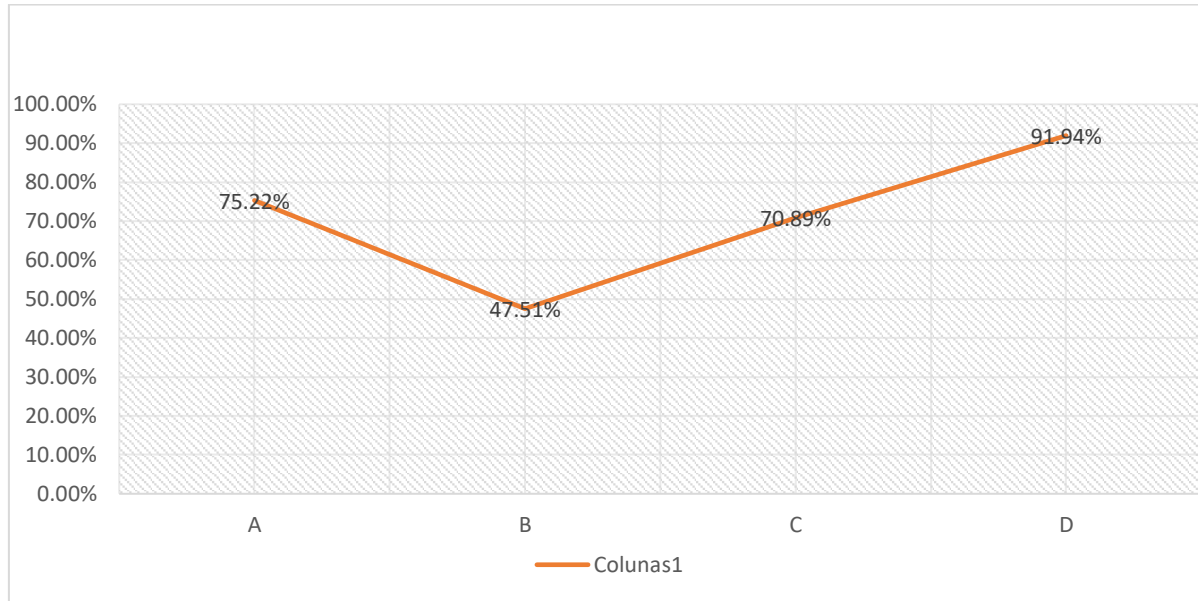
Quadro 12: Lucratividade.

Produtor A	Produtor B	Produtor C	Produtor D
$\frac{48.520}{64.500} * 100$ $= 75,22$	$\frac{95.050,32}{200.000} * 100$ $= 47,51$	$\frac{31.902,20}{45.000} * 100$ $= 70,89$	$\frac{12.578,71}{13.680} * 100$ $= 91,94$

Fonte: elaborado pelos autores.

É possível verificar que existe uma variação considerável da lucratividade entre os produtores. O produtor A demonstra ser mais lucrativo que o produtor B em 27,69%, e o produtor D apresenta maior lucro que o produtor C em 21,05%. Realizando uma média dos lucros entre os produtores constatou-se que os produtores de orgânicos são economicamente mais viáveis, que os produtores de convencional, sendo mais lucrativos em 20,05%.

O Gráfico 2 apresenta a comparação gráfica das variações de lucratividade.

Gráfico 2: Lucratividade.

Fonte: elaborado pelos autores.

Pode-se verificar que todos os produtores tiveram um excelente percentual de lucratividade, visto que, três deles tiveram um retorno de mais de 50%, considerando que o produtor B tem o menor índice de lucratividade, em contrapartida ele detém o maior custo de produção, mas não deixa de ter lucro. Em relação ao convencional e orgânico, constatou-se que os produtores de orgânicos se destacam com os maiores índices de lucratividade, uma vez que, os custos de produção são inferiores ao convencional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se propôs a analisar a lucratividade entre dois modelos produtivos da cultura do tomateiro, sendo dois produtores de orgânicos e dois produtores de convencionais. O estudo realizado com os produtores no estado de Goiás, demonstrou os custos dos processos produtivos entre eles. Foi possível comparar através de tabelas os custos em comum e divergentes entre os produtores, concluindo que o tomate orgânico tem os menores custos de produção em comparação ao convencional.

No Gráfico 1 foram demonstrados os elementos que elevaram os custos totais de produção. Foi identificado que o gasto com agrotóxico no produtor B aumentou consideravelmente os custos para este agricultor, tornando-se o maior custo na sua lavoura.

Ainda que haja riscos à saúde dos produtores e dos consumidores, os produtores insistem com o uso dos agrotóxicos, buscando diminuir o percentual de perdas, no entanto, os índices de perdas continuam sendo elevados, concluindo que o uso de agrotóxicos não previnem perdas menores.

Uma das limitações quando se trata de pequenos agricultores é que eles não possuem controle formal sobre os gastos. Pois, ficou perceptível que existe uma discrepância dos custos de agrotóxicos entre os produtores, sendo que, os autores confirmaram mais de uma vez estas informações com os produtores, sobre os valores com o uso do agrotóxico e as discrepâncias permaneceram.

Conclui-se também que o produtor C sai em vantagem, já que aproveita 100% da sua colheita, pois as perdas deste produtor são revertidas em ganhos, somando assim, com o total bruto da receita e aumentando a sua lucratividade. A produtora D também utiliza as perdas, mas para fazer molhos e extratos para uso próprio, além de alimentar os animais da propriedade. Enquanto os demais produtores não comercializam as perdas para a fabricação de extratos ou molhos, também não as utilizam para a alimentação dos animais, como porcos e galinhas. Sendo assim, as perdas poderiam ser aproveitadas como alimentos ou para gerar receita aos produtores.

Foi possível verificar que existe uma variação considerável da lucratividade entre os produtores. O produtor A demonstra ser mais lucrativo que o produtor B em 27,69%, e o produtor D apresenta maior lucro que o produtor C em 21,05%. Realizando uma média dos lucros entre os produtores, constatou-se que os produtores de orgânicos são economicamente mais viáveis, que os produtores de convencional, sendo mais lucrativos em 20,05%.

Pode-se verificar que todos os produtores analisados tiveram lucro, diante dos custos totais de produção, classificando por relevância, a dupla de produtores de orgânicos apresentaram maior retorno em comparação aos convencionais, pois os produtores de tomate orgânico obtiveram um retorno superior a 20,05%, em relação aos produtores de convencional. Salientado que os custos de produção do orgânico, por serem menores e o preço de venda, por serem elevados em relação ao convencional, contribuíram para este retorno.

Durante a pesquisa os autores tiveram algumas dificuldades em relação à coleta de dados e isso foi descrito no trabalho, para os futuros pesquisadores sobre o tema abordado fica evidenciado que podem encontrar as mesmas dificuldades nestas temáticas.

6 REFERÊNCIAS

ALENCAR, Guilherme Viana de. Percepção ambiental e uso do solo por agricultores de sistemas orgânicos e convencionais na Chapada da Ibiapaba, Ceará. **Rev. Econ. Sociol. Rural** vol. 51 no 2 Brasília abr./jun. 2013, Brasília, ano 2013, v. 51, n. 2, p. 10, 1 mar. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000200001>. Acesso em: 20 set. 2020.

ALVES, Aline; AZEVEDO, S. DOS S. Iraneide; BONHO, T. Fabiana; ROSÁRIO, C. B. Carla; ANTONI, de O. Gustavo; VALGAS, L. Vera. **Análise de Custos**. São Paulo. Sagah Educação S/A., 2018. Disponível em: <<https://viewer.bibliotecaa.binpar.com/viewer/9788595024427/11>> Acesso em: 20 set. 2020.

BIASIO et al., Determinação do custo e da rentabilidade na cultura do morango em uma pequena propriedade agrícola situada em Flores da Cunha/RS: subtítulo do artigo. **Custos e @gronegócio**: subtítulo da revista, Recife, v. 11, n. 1, p. 161-183, mai./2015. Disponível em: <http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero1v11/OK_10_morango.pdf> Acesso em: 24 out. 2020.

CEPEA – CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **O PIB do agronegócio brasileiro**, 2016. Disponível em: <<http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>>. Acesso em: 20 out. 2020.

CONAB. **Agricultura familiar**. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/agricultura-familiar>> Acesso em: 12 jun. 2020.

DOS SANTOS, J. C.; SENA, AL dos S.; VIANA, G. C. Custo e rentabilidade na produção de tomate na região da Transamazônica, Pará. **Embrapa Amazônia Oriental-Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento (INFOTECA-E)**, 2019. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/1105666>>. Acesso em: 10 set. 2020.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **A cultura do tomate**. Brasília: Embrapa Hortaliças, 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/hortaliças/tomate-de-mesa/cultivares2>> Acesso em: 24 out. 2020.

LIMA, Kaliny Kélvia Pessoa Siqueira; CAMPOS, Kilmer Coelho. Viabilidade financeira do tomate convencional e orgânico no estado do Ceará. **Revista Sociais e Humanas**, v. 27, n. 2, p. 26-39, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/10910>>. Acesso em: 10 out. 2020.

LIU, Mingui. **Qual o tamanho do mercado orgânico?** Disponível em: <<https://organis.org.br/qual-o-tamanho-do-mercado-de-organicos-no-brasil/>> Acesso em: 10 jun. 2020.

MAGNO, Queiroz Luz, J., SHINZATO, Vinícius A., SILVA, Alves Diniz da. Comparação dos sistemas de produção de tomate convencional e orgânico em cultivo protegido. **Bioscience**

Journal, 23(2). 2007. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/biosciencejournal/article/view/6842>>. Acesso em: 20 out. 2020.

MAPA. **Sustentabilidade**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/organicos/regularizacao-da-producao-organica>> Acesso em: 11 jun. 2020.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Semana dos Orgânicos é lançada com destaque para crescimento do setor no Brasil**. Disponível em: <<https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias/semana-dos-organicos-e-lancada-com-destaque-para-crescimento-do-setor-no-brasil>> Acesso em: 12 out. 2020.

NOREEN, W. Eric; BREWER C. PETER; GARRISON H. Ray. **Contabilidade Gerencial**. Tradução de Christiane de Brito. 14° ed. Editora AMGH Editora LTDA., 2013. Disponível em: <<https://viewer.biblioteca.binpar.com/viewer/9788580551624/724>>. Acesso em: 10 set. 2020.

PLANALTO. **Lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.831.htm> Acesso em: 8 jun. 2020.

RAPASSI, Rosalina Maria Alves; TARSITANO, Rodrigo Anselmo; PROENÇA Érico Roberto. **Produção de milho safrinha irrigado, no município de pereira Barreto – SP: custos e lucratividade**, 2013. Disponível em: <<https://www.cpao.embrapa.br/cds/milhosafriinha2013/PDF/85.pdf>> Acesso em: 12 out. 2020.

REIFSCHNEIDER, Francisco. **Novos Ângulos da História da Agricultura no Brasil: História da Agricultura no Brasil**. 1. ed. rev. Brasília: EMBRAPA, 2010. 114 p. ISBN 978-85-7383-491-8. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/868764/novos-angulos-da-historia-da-agricultura-no-brasil>>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIBEIRO, M. Osni. **Contabilidade de Custos**; 5° ed; São Paulo; 2018; Saraiva. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=sdJiDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 09 set. 2020.

SEBRAE. **Saiba como funciona o indicador de lucratividade**: aprenda a aplicar e tenha retorno do seu investimento em lucros. Disponível em: <<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ap/artigos/saiba-como-funciona-o-indicador-de-lucratividade,23abcc19e6223610VgnVCM1000004c00210aRCRD>> Acesso em: 17 out. 2020.

SILVA, Kaique et al., Análise de custo de produção e lucratividade na produção do milho convencional e transgênico em Mato Grosso. Análise de custo de produção e lucratividade na produção do milho convencional e transgênico em Mato Grosso. **Custoseagronegocioonline**. Mato Grosso, p. 25, 29 mar.2020 B1. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero1v16/OK%2011%20lucratividade.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2020.

SILVA et al., Viabilidade econômica do tomate em sistema convencional e protegido por telas de sombreamento. **Custos e @gronegocio**, Recife, v. 15, n. 3, p. 297-313, set./2019. Disponível em: <<http://www.custoseagronegocioonline.com.br/numero3v15/OK%2014%20tomate.pdf>> Acesso em: 24 out. 2020.

SUSIN, Simone. **Análise da lucratividade e rentabilidade na maior rede varejista do Brasil**. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/handle/11338/1676>> Acesso em: 16 out. 2020.

VILELA, Gisele Freitas et al., **Agricultura orgânica no Brasil: um estudo sobre o Cadastro Nacional de Produtores Orgânicos**. Campinas, Sp: Embrapa Territorial, 2019. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1108738/1/5058.pdf>> Acesso em: 24 out. 2020.

WERNKE Rodney. **Análise de Custos e Preços de venda - Ênfase em aplicações de casos nacionais**. São Paulo. Saraiva Educação S.A., 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=Ux1nDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20 set. 2020.



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Eu MAYARA DE SOUSA CARVALHO RA 31375

Declaro, com o aval de todos os componentes do grupo a:

AUTORIZAÇÃO ()

NÃO AUTORIZAÇÃO (X)

Da submissão e eventual publicação na íntegra e/ou em partes no Repositório Institucional da Faculdade Unida de Campinas – FACUNICAMPS e da Revista Científica da FacUnicamps, do artigo intitulado: ANÁLISE DOS CUSTOS DE PRODUÇÃO E LUCRATIVIDADE DO TOMATE ORGÂNICO E CONVENCIONAL NAS PROXIMIDADES DE GOIÂNIA GOIÁS De autoria única e exclusivamente dos participantes do grupo constado em Ata com supervisão e orientação do (a) Prof. (a): KAROLINE DIAS OLIVEIRA

O presente artigo apresenta dados válidos e exclui-se de plágio.

Curso: CIENCIAS CONTÁBEIS. Modalidade afim: ARTIGO GRADUAÇÃO

Mayara de Sousa Carvalho

Assinatura do representante do grupo

Assinatura do Orientador (a):

Obs: O aval do orientador poderá ser representado pelo envio desta declaração pelo email pessoal do mesmo.

Goiânia, 07 de janeiro de 2021